

Mídia, cotidiano e infância: que apropriações crianças em contextos populares fazem em seu dia a dia para a construção de suas visões de mundo e relações afetivas

Jacqueline Sobral¹

Resumo:

Este artigo tem como objetivo refletir sobre as relações afetivas e representações de amor que crianças moradoras de uma comunidade na zona oeste de São Paulo constroem a partir da mídia e de seu cotidiano, contestando uma perspectiva funcionalista de causa e efeito, que percebe a criança como um “ser passivo”. Os depoimentos foram colhidos durante um estudo de recepção de orientação etnográfica, realizado com base em paradigmas que percebem a criança como sujeito, ainda que em formação, que não só é influenciada pelo mundo adulto, mas também dialoga, influencia, constrói significados próprios e produz sua própria cultura.

Palavras-chave: Estudos de recepção; infância; mídia.

Abstract

This article has as its objective to reflect upon the affective relationship and the representations of love that children from a community in the east part of *São Paulo* build the media and their daily routine, contesting a functionalist perspective of cause and effect, that sees the child as a passive being. The testimonies were collected during a study of perception of ethnographic orientation based on paradigms that perceive the child as an active subject, despite still in a developing state, but capable of dialoguing, influencing and being influenced by the adult world, and also capable of producing their own culture and constructing their own cultural meanings.

Key words: audience study; infancy; media.

Artigo recebido em: 15/04/2015

Aprovado em: 23/06/2015

¹ É jornalista, Doutoranda em Educação pela PUC-Rio, Mestre em Comunicação e Práticas de Consumo pela ESPM-SP, professora de comunicação, marketing e jornalismo do IBMR e Unicarioca, e professora convidada da FGV e dos cursos online do IBMEC. E-mail: jacqueline.sobral@gmail.com.

Introdução

A proposta deste artigo é refletir sobre as interpretações e as representações que crianças, em contextos populares, constroem sobre amor e sexo e como tais visões de mundo são influenciadas por seu cotidiano e pela mídia. As narrativas e as análises apresentadas aqui fazem parte da minha pesquisa de mestrado, um estudo de recepção, com inspiração etnográfica, realizado durante seis meses, em 2013, em uma ONG da zona oeste de São Paulo, com crianças de sete a 11 anos, que moram em uma comunidade próxima da organização.

Questionando estudos que adotam uma abordagem funcionalista de causa e efeito, que em geral pressupõem uma existência de um “estado natural de infância” (BUCKINGHAM, 2007), ou de uma “infância padrão”, o trabalho foi desenvolvido a partir de paradigmas que percebem a criança como sujeito, ainda que em formação, capaz de dialogar, produzir sentidos e criar sua própria cultura, influenciando e sendo influenciada pelo “mundo adulto” (CORSARO, 2011). A presença constante do erotismo e do sensual na cultura midiática é, com razão, uma preocupação de pais, educadores e pesquisadores, atentos à presença dos meios de comunicação no dia a dia das crianças. No entanto, o discurso linear de “a mídia está destruindo a infância” não parece dar conta da questão. *Como as crianças percebem tais conteúdos?* Buckingham e Bragg (2004) afirmam que o problema de alguns estudos sobre o tema é pressupor que a análise da produção midiática necessariamente informa como se dá a interpretação dos espectadores ou leitores; é partir da premissa de que as crianças *sempre* reconhecem os significados eróticos e sexuais e reagem a eles copiando o comportamento assistido. O objetivo deste artigo é ir na direção oposta das teorias que decretam a total incapacidade de reflexão crítica por parte das crianças diante de conteúdos impróprios para a sua idade; é refletir sobre o assunto a partir da *fala das crianças*, problematizando também o conceito contemporâneo de infância.

Quando decidi realizar este estudo de recepção com crianças, nunca pensei que acabaria fazendo pesquisa... **em cima de um brinquedo trepa-trepa**. Era o quarto encontro com as crianças que frequentavam a ONG da zona oeste de São Paulo, local escolhido para a minha pesquisa de campo. Com base na metodologia escolhida e na fundamentação teórica que convida a criança a atuar como protagonista do estudo, a decisão sobre o lugar das entrevistas era sempre dos entrevistados. Cheguei naquele dia com a proposta de continuar a conversa com o *Superboy*, de dez anos, e sua amiga *Fernanda*, da mesma idade. Os nomes são pseudônimos escolhidos pelos entrevistados. Só que todos estavam muito agitados; brincadeiras pelo pátio, correria. Era o mês de junho e eles tinham acabado de ensaiar uma dança de quadrilha para a festa de São João; a organização tinha suspenso as atividades de rotina para o tal ensaio. *Fernanda* estava entretida e animada participando de uma dança coreografada, co-

mandada por uma das educadoras, e não ficou nada satisfeita quando anunciei que queria terminar a entrevista iniciada na semana anterior. Ao perceber sua reação, perguntei se gostaria de conversar outro dia, e ela rapidamente consentiu, voltando a se concentrar na dança. *Superboy*, então, chamou seu amigo *Kid Flash* para participar da entrevista. Os “desvios” no *script* que eu havia elaborado para aquele dia de pesquisa estavam apenas começando.

Kid Flash: Vem, tia, a entrevista vai ser aqui em cima!

Eu: Aí?

Super Boy: Isso, vem!

Sem hesitar, segurei com força o aparelho celular usado para gravar as entrevistas, e aceitei o convite; subi no brinquedo trepa-trepa.

Kid Flash: Tia! Você subiu!

Eu: Ué, vocês não disseram que vai ser aqui. Tô aqui. Vamos começar?

Em pouco tempo, mais seis crianças, de sete a dez anos, apareceram: “tia, *entrevista eu* também!” Diante do “imprevisto”, o roteiro preparado para a entrevista em profundidade foi devidamente descartado.

Enquanto tentava acalmar minha mente *adulta* que insistia em me questionar sobre a possibilidade de cair lá de cima e, conseqüentemente, de quebrar o *smartphone* que estava usando para gravar as entrevistas, passei uma hora de uma tarde de outono em São Paulo improvisando um *esboço* de grupo focal em um trepa-trepa, com oito crianças curiosas, ávidas por serem ouvidas, que estavam achando “muito legal” uma *tia pesquisadora* estar com elas em cima de um brinquedo. Durante o tempo todo, surgia a dúvida “será que vai dar certo?”.

Os Referenciais Teóricos e os Desafios Metodológicos

Partindo de uma reflexão teórica multidisciplinar, escolhemos quatro conceitos que nos permitiram fazer a pesquisa em campo: *recepção ativa*, trabalhado a partir de autores dos estudos culturais britânicos como Raymond Williams (2010) e Stuart Hall (2003), que definem a cultura como práticas sociais e destacam a necessidade de estudá-las como textos culturais que têm significados permanentemente negociados, e da teoria latino-americana das mediações, principalmente com base nos trabalhos de Jesus Martín-Barbero (2001) e Guillermo Orozco Gómez (2005) que valorizam o indivíduo como sujeito do processo da comunicação e afirmam que, a partir de suas experiências cotidianas, o receptor produz significados, que são subsidiados pelas mediações; *mediação familiar*, que mostra a importância da

cotidianidade familiar, ou seja, do espaço doméstico, para a produção de sentido social e o processo de recepção (MARTÍN-BARBERO, 2001), ressaltando também as profundas transformações pelas quais a família contemporânea vem passando (GIDDENS, 1994; SINGLY, 2007); e, por fim, *cultura de pares e reprodução interpretativa* – os dois desenvolvidos por William Corsaro (2011), defensor de que as relações das crianças com outras crianças em grupos de amigos são fundamentais para a produção cultural do próprio mundo infantil, e de que elas não somente imitam ou internalizam a sociedade e a cultura a que pertencem, mas também contribuem de forma ativa para a produção cultural, se apropriando, re-produzindo e reinventando conteúdos, na tentativa de compreender ou buscar um sentido para a realidade à sua volta.

A primeira etapa da pesquisa foi a realização de um levantamento teórico e bibliográfico, com o intuito de mapear os principais estudos de recepção sobre infância, que investiguem como se dá a competência da criança diante da mídia. Infelizmente, no campo da comunicação, a maioria das pesquisas promove estudos *sobre* crianças, com base em uma perspectiva funcionalista de “efeitos” e a partir de um olhar exclusivamente adulto, dando enfoque à “incompetência” e “vulnerabilidade” dos pequenos, como comenta Maria Manuela Martinho Ferreira (2008):

[...] no campo das Ciências Sociais o conhecimento produzido pelos adultos acerca das crianças e da infância tem sido dominado por uma perspectiva de pesquisa que ao olhar para elas de cima para baixo não só as trata como objetos de estudo, procurando explicá-las por referência ao estado adulto e às suas formas de leitura e interpretação da realidade, como, ao fixar-se nas dimensões físicas do seu corpo – pequenez –, tem, a partir dali, julgado todas as suas outras competências cognitivas, afetivas, morais, sociais. Não é pois por acaso que a pesquisa que perspectiva a criança como objeto a investigar do ponto de vista do adulto – vendo-a como pessoa que age mais sob a orientação e influência dos outros do que como sujeito agindo no mundo – persista e insista na assunção da sua dependência, incompetência e vulnerabilidade (...). (FERREIRA, 2008, p. 148)

Devido à importância de se permanecer em campo tempo suficiente para estabelecer uma relação de confiança e reciprocidade, optamos por um estudo de recepção de caráter etnográfico, realizado em encontros semanais ao longo de seis meses. O mesmo foi composto pelas técnicas de observação participante, com registro em diário de campo, e de conversas/entrevistas em profundidade individuais, em duplas e em trios. Ao todo, 21 crianças participaram do estudo, das quais 14 aceitaram conversar com a pesquisadora.

A leitura de mundo a partir do *ponto de vista da criança* é um dos maiores desafios que o investigador enfrenta ao decidir realizar uma pesquisa como essa, como destaca Eloisa Candal da Rocha (2008):

[...] quando o outro é uma criança, a linguagem oral não é central nem única, mas fortemente acompanhada de outras expressões corporais, gestuais e faciais. Isso já indica alguns problemas metodológicos envolvidos na pesquisa

com crianças: a atenção às diferentes linguagens e os limites no grau de compreensão que podemos alcançar. [...] As crianças não só reproduzem, mas produzem significações acerca de sua própria vida e das possibilidades de construção da sua existência. (ROCHA, 2008, p. 45-46).

Essa é uma longa discussão já em curso no campo da antropologia, e não é nossa intenção esgotar o tema aqui. O que vale destacar é que, por mais que tente, o pesquisador nunca vai conseguir romper definitivamente com a relação de alteridade criança-adulto. Dessa forma, é preciso que ele redobre a atenção sobre seu próprio trabalho, pois corre o sério risco de reproduzir a autoridade do adulto, já que o estudo se dá no contexto de uma sociedade adultocêntrica, na qual o poder sobre a criança é naturalizado. A concepção hegemônica do lugar social da criança é muito bem ilustrada na palavra “infância”: segundo Philippe Ariès (1986), *in-fante* é aquele que não tem voz, não tem fala.

Narrativas da Pesquisa

Fabiana, de oito anos, conta que quer ser *funkeira* quando crescer, pois dança *funk* todos os dias de short e top com as irmãs mais velhas na porta de casa e diz que foi a mãe que a apresentou ao ritmo. Afirmo que gosta de assistir “as minhas novelas”. Ela destaca principalmente a *Sangue Bom*, novela transmitida pela Rede Globo, veiculada ao longo de 2013, no horário das 19h, com classificação indicativa de dez anos, “*por causa que* tem uma mulher que dança funk, esqueci o nome dela... é a *popozuda*.” Ela se refere à “Mulher Mangaba”, a “cantora de funk mais popular do país”, personagem vivida na trama pela atriz Ellen Roche. Para divulgar a novela, a emissora chegou a divulgar no *You Tube* um videoclipe² da personagem, que aparece com uma roupa apertada e decotada. Com o título *Tá preparada? Vai!*, a música tem o seguinte refrão:

Agora, no embalo dos movimentos pélvicos
 Contraí, descontraí, contraí, ai, ai
 Contraí, descontraí, contraí
 Contraí, descontraí, contraí, oi, oi
 Contraí, descontraí, contraí
 [...]

Espontaneamente, *Fabiana* conta também que assistiu a uma notícia na TV que “*funk dá dinheiro*.” Diz que todo mundo em casa namora, mas que ela só “pega na mão” do namorado. De roupa rosa, ela carrega uma corda de pular dentro da bolsinha entrelaçada à cintura.

Maria Joaquina, de nove anos, diz que “fica com dois Gabriel”, que recusou a proposta de namoro de um deles, pois teria que “dar um beijo de língua nele” na

² O videoclipe não está mais disponível no site, mas versões produzidas por internautas podem ser encontradas.

frente de amigos, e ela ainda não faz isso. *Valéria*, de oito, afirma que gosta do “namorado”, porque os dois passam o dia brincando e cita os nomes das meninas que já “ficaram” com o menino – não sente ciúmes, pois elas “são amigas”. As duas e mais a amiga *Marcelina* sabem de cabeça a letra e a coreografia da música da Mc Anitta “O show das poderosas”: “prepara que agora é hora do show das poderosas, que descem e rebolam, afrontam as fogosas [...]”.

As narrativas de *Maria Joaquina*, *Valéria* e *Marcelina* foram colhidas durante uma tarde em que me sentei com o trio, na antessala do último andar de uma casa que abriga as salas de atividade da ONG. Mostrei um *pout-pourri* com três breves cenas da novela *Carrossel*, programa cujos nomes das personagens foram escolhidos por elas como pseudônimos. Na primeira, as meninas conversam sobre o risco de Jaime repetir o ano e sua vontade de deixar a escola, pois não quer ficar “sozinho” em uma turma em que não conhece ninguém; na cena seguinte, Paulo, com um buquê de rosas nas mãos, anuncia que está apaixonado pela Margarida; e na última, Valéria diz a David que “quando crescer” quer namorá-lo, dá um beijo em sua bochecha, fazendo o menino suspirar, enquanto aparecem corações animados perto de seu rosto. O computador trava nessa terceira cena, e não é possível prosseguir. *Marcelina* contesta: “Ah, mas eu quero ver a cena de namoro!” Questiono se “na vida real” menino dá flor para menina. As três respondem rapidamente com um sonoro “sim!” e, em seguida, *Marcelina* e *Valéria* suspiram ao mesmo tempo, como se tivessem ensaiado: “Aiii.....” A partir daí, as duas começaram a relatar experiências amorosas, quem gosta de quem, sem nenhum tipo de censura, produzindo um significativo exemplo de cultura de pares (CORSARO, 2011):

Marcelina: O menino mais cruel, mais feio da escola, mais rude da escola, gosta da *Valéria*!

Valéria: Quem? (em voz alta e aguda)

Marcelina: O Ítalo!

Valéria: *Creeedo!*

Marcelina: O Ítalo gosta da *Valéria*... A Carol, da perua, que abre a porta, ela pergunta pra ele: Ítalo, de quem você gosta? E aí, ele, aqui, “dessa aqui, ó” [*diz apontando para Valéria*] e a *Valéria* tava sentada bem lá...

Valéria: E aí eu tava vermelhona.

Eu: Você ficou vermelha? Você ficou sem graça?

Valéria: Porque ele é feio, ele é gordo... Eu bem gosto de um menino da escola, da escola não... [*faz cara de sapeca, envergonhada*]

Eu: Da onde que ele é?

Valéria: Ai... [*suspira*] Do meu apartamento...

Eu: Como assim, do seu apartamento?

Valéria: Tem um monte de *menina*, tem um monte de *menino*... que a gente fica brincando quase todo dia, aí a gente brinca... Quando chega... quando é aniversário de alguém, chega um monte de convidado, aí a gente fica brincando, aí a gente vai pra lá, vai pra cá...

Eu: Brinca de quê? De esconde-esconde? De pega-pega?

[*Valéria concorda.*]

(...)

Marcelina: Eu gosto de um menino da escola...

Eu: Acho que você já me falou, qual é o nome dele?

Valéria: O Ítalo! [em um tom irônico, nitidamente para implicar com a amiga]

Marcelina: João Victor.

Eu: João Victor? Como é que ele é?

Marcelina: Ele usa óculos, ele tem uma franja igual da Amanda, ele é bonito, ele é alto, ele é mais velho que eu, ele é um ano mais velho que eu... Ele é *mó boniito*, tia...

(...)

Os estereótipos de bonito/feio, gordo/magro, legal/chato, etc., aparecem naturalmente no discurso das meninas, classificações que vão se desenvolvendo na interação com os adultos e a partir do contato com a própria mídia, a começar pelos desenhos animados. Esse foi o segundo encontro com *Marcelina*, a segunda oportunidade que tive de conversar bastante com a menina, mas já vínhamos construindo uma relação de confiança há meses. Naquele dia específico, ela estava mais à vontade, aparentemente também pelo fato de estar entre amigas e porque o tema da conversa (namoro) havia sido introduzido com as cenas de *Carrossel*.

Em outro dia, entre uma brincadeira e outra na sala de TV, *Barbie*, de dez anos, mostra para mim, com gestos, como uma menina de dez anos da reportagem da TV ficou grávida. No entanto, ao falar sobre parto exclama bem alto “que nojo!”. A mesma reação tem *Tiago*, de oito anos, quando fala sobre “o beijo que os adultos dão”. O menino conta, em tom de reprovação, que em sua rua, adultos e crianças consomem drogas ao som de *funk*. Quando questionado se tem namorada, ele pergunta: “Você quer dizer namoro de amizade, né, tia?” Esses são apenas alguns dos relatos obtidos durante a pesquisa de campo.

Reflexões em constante construção

As narrativas que colhemos nos levam a crer que o contexto familiar é um dos mais determinantes na vida dessas crianças, quando se trata de suas representações de amor, sexo e erotismo. O contexto de violência em que elas vivem também é um dado muito importante: existem relatos de meninos e meninas que apanham em casa e de uso de drogas na rua da comunidade e entre familiares. Outro dado importante é que essas crianças não apenas sabem discernir o que é telejornalismo e o que é ficção de uma telenovela, mas também demonstram capacidade de escolha em termos de consumo midiático e de resignificação das mensagens veiculadas na TV, com base em seu próprio interesse e gosto pessoal. “*Tia*, comercial é tudo mentira; uma amiga minha acreditou que o shampoo deixava o cabelo dela bonito. Não ficou nada. Mentira”, me disse uma das meninas.

Apesar do fascínio pelas novas tecnologias, a TV é ainda a mais citada nos

relatos sobre o cotidiano e a vida em família. Os desenhos animados dos canais a cabo *Discovery Kids* e *Cartoon Network* são os “campeões de audiência” dessa turma; no entanto, as novelas e os telejornais também se fazem presentes em seu discurso, assim como as letras de *funk*. Os relatos sobre o lugar onde moram, as casas em que vivem e seus cotidianos vão muito além dos símbolos desta nossa sociedade de consumo e muitas delas ainda não têm a vivência e o repertório necessários para a compreensão dos apelos eróticos e sensuais da mídia contemporânea, o que não significa que a exposição desses conteúdos para esse público não seja preocupante. Mesmo com o acesso a conteúdos impróprios para sua idade, e mesmo inseridas em um contexto de exclusão socioeconômica, de alguma forma essas crianças conseguem preservar a inocência infantil, utilizando aqui o conceito moderno (ÀRIES, 1981), seja nas brincadeiras presenciadas durante a pesquisa de campo, nos jogos de computador, no jeito de narrar seus “namoros”, palavra que parece ter sido retirada por eles do contexto “adulto” para se tornar sinônimo de amizade, seja no próprio brilho que transparece no olhar ao falarem de seus gostos e seus sonhos.

Precisamos, portanto, ter a responsabilidade de não assumir uma posição dicotômica ao falar da relação mídia e infância, de não reduzir os pequenos a meros receptáculos da produção midiática. Os pequenos da ONG são crianças que sofrem, mas que riem; crianças que gritam, mas falam com ternura; que rebolam e sabem de cabeça as letras eróticas do *funk*, mas que gostam muito de desenho animado; que mantêm um esconderijo onde os meninos “fazem *safadezas*” com as meninas, mas que adoram brincar de boneca e de pega-pega; que sabem explicar de um jeito ou de outro o que é sexo, mas que dizem “ter nojo” de beijo. Eis aí as permanentes contradições e tensões, a pluralização do ser criança na sociedade contemporânea (SARMENTO, 2004). O caminho é longo, mas precisamos, enquanto adultos, recriar, abrir, garantir espaços para ouvirmos as vozes das crianças, pois elas *têm voz*, nós é que não temos o hábito de prestar atenção nela. Temos ainda muito que aprender com esses pequenos.

Referências

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: FTC, 1981.
- BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- ___; BRAGG, Sara. **Young people, sex and the media: the facts of life?** London: Palgrave MacMillan, 2004.
- CORSARO, William A. **Sociologia na infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- FERREIRA, Maria Manuela Martinho. “Branco demais” ou... Reflexões epistemo-

lógicas, metodológicas e éticas acerca da pesquisa *com* crianças. In: SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (Org.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis: Vozes, 2008.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Ed. Unesp, 1994.

HALL, Stuart. Codificação/Decodificação. In: HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001.

OROZCO GOMÉZ, Guillermo. O telespectador frente à televisão. Uma exploração do processo de recepção televisiva. **Communicare**. São Paulo, v. 5, n. 1, 2005, p. 27-42. Disponível em: <<http://teoriacom.files.wordpress.com/2008/08/04-guillermo-orozco.pdf>>. Acesso em 10 out. 2013.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (Org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisa**. São Paulo: Cortez, 2008.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da Infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (Orgs.). **Estudos da Infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis: Vozes, 2008.

WILLIAMS, Raymond. Culture is ordinary. In: SZEMAN, Imre; KAPOSY, Timothy. **Cultural theory: an anthology**. Chischester: Wiley-Blackwell, 2010.